

Índice

[A Zona de Segurança]	9
A Raiva e a Violência	179
O Apuramento da Verdade	235
Agradecimentos	247

Quer realmente ver as imagens do atentado?

Durante muito tempo, era eu quem fazia esta pergunta. Enquanto juíza de instrução antiterrorista, era uma questão que sempre representara um problema ético capital para mim: será que devia mostrar as imagens dos atentados às famílias das vítimas que o solicitavam? Será que me cabia esse papel? Em nome da verdade, seria necessário a todo o preço *ver*? As imagens dos corpos mutilados, dos crânios rebentados, dos corpos de crianças desmembrados seriam indispensáveis à verdade? Esforçava-me por dissuadir as famílias: queria protegê-las da obscenidade da morte. Mas neste momento é a mim que um juiz de instrução procura convencer a não visionar a execução filmada pelo terrorista usando uma câmara que prendeu no torso no dia do ataque, é a mim que procuram proteger, mas eu insisto, quero saber, tenho talvez necessidade de ver para crer, há uma tal sensação de desrealização face ao horror, que por mais que nos repitam que aconteceu, tudo em nós recusa essa evidência. François não diz nada, não se mexe, eu sei que ele tomou um ansiolítico antes de vir, ofereceu-me um no gabinete dele que eu recusei, já tinha tomado dois durante a noite que passei em grande parte toda encolhida na cama; foi ele que, em primeiro lugar, pediu para ver as imagens, mas ele não é juiz principal neste caso; na pior das hipóteses, vai sentir uma aceleração cardíaca, na pior das hipóteses, irá sentir-se mal durante quarenta e oito horas, depois voltará para o

restaurante, para o ginásio, fará amor. François Vasseur entrou ao serviço no dia a seguir aos atentados do *Charlie Hebdo*; esse foi um dos seus primeiros processos, trabalhamos muitas vezes em binómio; somos, como se costuma dizer, complementares: eu sou *a juíza vermelha*, demasiado à esquerda, demasiado mole para este homem de direita que repete aos seus próximos que não se deve ceder em nada, que *se foi excessivamente laxista*, que *a França foi posta em risco*. Instalamo-nos um ao lado do outro no gabinete do juiz nomeado para instruir o processo: Éric Macri. O assassino foi capturado vivo depois de se ter barricado durante vinte e quatro horas num gabinete existente no local do drama; é ele que vai ser interrogado. Éric acendeu a lâmpada vermelha que indica, por cima da porta exterior, que não pode ser importunado. Antes, era um assunto de piadas entre nós: era porque ele devia estar com uma das suas conquistas. Ríamo-nos muito — era uma maneira como outra qualquer de esconjurarmos toda esta violência. Mas neste momento, estamos, todos três, à beira das lágrimas.

Éric pergunta-nos se queremos recorrer à psicóloga do tribunal; é ela que prepara as famílias das vítimas para o horror daquilo que vão ver e as ajuda a não se irem abaixo completamente a seguir ao visionamento — quando se é submetido a um choque psíquico desta dimensão, nunca se está a salvo de uma crise de loucura, de uma descompensação. Digo que não; François abana a cabeça da esquerda para a direita. Éric pergunta uma última vez, olhando-me diretamente nos olhos: *Alma, tens a certeza? Porque te há de infligir uma coisa destas?* Trata-me por tu, naturalmente, conhecemo-nos bem, trabalhamos juntos há anos, *devas poupar-te*, e repito, com algum nervosismo na voz — creio que poderia desmaiar de tal modo receio as imagens que ele se prepara para me mostrar, de tal modo tremo (mas se eu me vou abaixo arrastarei toda a gente na minha queda) —, repito que sim, tenho a certeza; ao longo da minha carreira, vi vários, outros vídeos de execuções, às vezes até juntamente com ele: extratos de câmaras de vigilância, decapitações, vídeos feitos com aquelas pequenas *GoPro* que os entusiastas de desportos radicais compram para se filmarem a si próprios e a que os terroristas sub-

verteram a utilização para fins mórbidos — fixam a câmara no tronco com a ajuda de um arnês e põem-na em funcionamento no momento de passar ao ato, não lhes basta matar, querem também mostrar como mataram, com que ódio, com que sangue-frio, com que violência, matam e existem. Éric liga o vídeo soltando um «vamos a isto», como se nos preparássemos para entrar em conjunto num edifício em chamas; e eu sei — todos o sabemos — que aquela que perecerá sou eu.

A primeira coisa que vejo é a silhueta compacta de um homem que se fica, paralisado, os lábios entreabertos, o olhar aterrorizado, o que eu vejo é a cabeça que explode sob o impacto de uma rajada de *kalashnikov*, o corpo dele que desaba. François levanta-se e sai precipitadamente do gabinete, uma mão sobre o coração, prestes a vomitar as tripas em cima do parquê fim-de-século. Quanto a mim, fico. *Respira Alma*, todo o meu ser estremece, não passa de uma sensação, é *verdade*, mas não pestanejo, aprendi a dominar as minhas emoções — nos interrogatórios nunca se deve deixar transparecer os nossos sentimentos. Éric não olha para o ecrã; este vídeo, já o viu por necessidades da investigação, sou eu agora a única espectadora de um drama nacional, do *meu* drama. As imagens tremem com os passos do assassino; as imagens são sacudidas e um pouco desfocadas. Ouvem-se tiros, gritos e estas palavras do assassino cuja voz reconheço imediatamente — porque *a* conheço: *Allah Akbar!* Está tudo escuro, apenas iluminado pelos feixes de luz multicoloridos cujas iridescências se difratam sobre os rostos petrificados pelo pavor. A câmara incorporada filma à altura de um homem. As vítimas tombam sob os tiros da *kalashnikov*. Tenho a atroz impressão de que é a minha mão que empunha a arma, que sou eu que disparo. Que sou eu que mato.

*Retranscrição da conversa número 67548
na linha 06XXXXXX*

- Amo-te Sonia.*
- Agora sou a tua mulher, LOL.*
- Para toda a vida.*
- Sim, para a vida toda.*
- Sentes-te preparada para largar tudo?*
- Vai ser o paraíso!*
- Vamos ficar um bocado na Turquia para a lua de mel, dois, três dias antes de passarmos para a Síria.*
- Sentes-te confiante?*
- Sinto. Enquanto não for até ao fim deste desejo, não me sinto bem.*
- Espero que os vás massacrar a todos, eu encorajo-te no que for preciso, LOL.*
- LOL, obrigado. Estou mesmo nessa, superpronto. E nada de stress, está tudo previsto para as mulheres dos combatentes.*
- Eu sei.*
- Insh'Allah, vamos ser felizes.*
- Altamente!*
- Já agora, vieste o vídeo que te mandei?*
- Vi, grande cena quando o irmão o decapita.*

(Riem-se os dois)

Chamo-me Alma Revel. Nasci no dia 7 de fevereiro de 1967 em Paris. Tenho quarenta e nove anos.

Sou filha única de Robert Revel e de Marianne Darrois.

Sou de nacionalidade francesa.

Em instância de divórcio, mãe de três filhos.

Sou juíza de instrução antiterrorista.

Há três meses, no desempenho das minhas funções, tomei uma decisão que me pareceu justa mas que teve consequências dramáticas. Para mim, para a minha família. Para o meu país.

Enganamo-nos sobre as pessoas. Não sabemos nada delas, ou muito pouco. Estarão a mentir? Serão sinceras? A minha profissão ensinou-me que o homem não é um bloco monolítico, mas sim um ser instável, opaco e de uma extrema ambiguidade, que a qualquer momento nos pode surpreender tanto pela sua monstruosidade como pela sua humanidade. Porque se arruína a própria vida ou a de outros com uma sanha tão arbitrária? Não sei, não sou dona da verdade, procuro-a, incansavelmente; o meu único objetivo é a revelação dessa verdade. Sou como uma jornalista, uma historiadora, um escritor, faço um trabalho de reconstituição e de restituição, tento compreender o magnetismo mórbido da violência, as cavidades mais opacas da consciência, aquelas que não exploramos sem sofrermos danos — tudo o que retenho desses anos é perceber até que

ponto os homens são complexos. São imprevisíveis, inacessíveis; agem como possessos; tem que ver muitas vezes com uma questão de posição social, sentem-se feridos, humilhados, deslocados, desatam a odiar e matam; mas também matam sem mais nem menos, por uma pulsão, e é o que há de pior para nós, não podermos explicar a passagem ao ato. Sondam-se os espíritos, a sinceridade dos propósitos, procuram-se as intenções, há uma necessidade de racionalizar — e para quê, afinal, se no fim não se encontra nada mais que o vazio e a fragilidade humana?

Integrei o polo de instrução antiterrorista em 2009; sou a sua coordenadora desde 2012. No interior da «galeria» — uma ala ultrassegura do Palácio da Justiça de Paris —, coordeno uma equipa de onze magistrados. As pessoas conhecem mal os juízes de instrução antiterrorista; juntamente com os agentes de informação, somos os homens e as mulheres da sombra; somos nós quem dirige as investigações, quem interroga os arguidos, os cúmplices, quem recebe as famílias das vítimas. Não nos compete deduzir acusação, não lidamos com a culpabilidade — para isso existem os procuradores; a nossa função é a acusação: não nos fiamos senão em elementos objetivos pois que, não havendo nada, está-se a alimentar o fantasma da perseguição política.

Trabalhamos em binómio; nos processos mais importantes, somos três, e mesmo quatro ou cinco. O primeiro juiz encarregado do caso tem a seu cargo o processo, mas nas reuniões e no momento da tomada de decisão somos dois. Há três serviços de investigação que colaboram connosco: a direção geral da segurança interna, DGSI, a subdireção antiterrorista que depende da polícia judiciária, SDAT, e a secção antiterrorista da Brigada Criminal, a nata dos investigadores. Nos casos de atentados, todos esses três serviços são chamados a intervir. O meu trabalho consiste em coordenar e dirigir a ação da polícia. Troco uns cinquenta *e-mails* por dia com os investigadores. Temos reuniões regulares. Podemos recorrer a vários tipos de peritagens: ADN, informáticas, e outras sobre o perfil psicológico; recorremos a psiquiatras, investigadores de personalidade para reconstituir percursos.